

Emboscadas e ataques diretos do Hezbollah matam oito soldados judeus. Exército israelense ordena que moradores de 20 áreas abandonem as casas. Especialista avalia dificuldades impostas pela milícia xiita e pelo relevo às tropas invasoras

Combates se intensificam no sul do Líbano



» RODRIGO CRAVEIRO

Enquanto planejava a retaliação ao ataque iraniano e comemorava, em alerta, o feriado de Rosh Hashaná (Ano-Novo Judaico), Israel anunciava as primeiras baixas no sul do Líbano. Oito soldados de elite das Forças de Defesa de Israel (IDF), entre 21 e 23 anos, morreram durante emboscadas. Entre os mortos, estão cinco militares da Unidade Egoz, especializada em combates contra o movimento xiita Hezbollah; dois da Unidade de Reconhecimento Golá; e um da Unidade Yahalom (de engenharia). O jornal israelense *The Times of Israel* informou que os soldados

da Unidade Egoz foram abatidos em um vilarejo. Depois de um primeiro ataque, os militares socorriam colegas quando foram alvos de morteiros disparados pelo Hezbollah.

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, enviou condolências às famílias dos soldados, por meio de um vídeo. "Gostaria de enviar minhas sinceras condolências às famílias de nossos heróis que caíram hoje no Líbano, que Deus os vingue e que suas memórias sejam uma bênção", declarou o premiê. "Estamos no meio de uma guerra dura contra o eixo do mal do Irã, que busca nos destruir. Isso não vai acontecer. Resgataremos nossos reféns no sul, devolveremos nossos moradores no norte, garantiremos a eternidade de Israel", acrescentou.

Mais cedo, as IDF advertiram que qualquer casa usada pelo Hezbollah para fins militares será alvejada. Ao mesmo tempo, ordenaram que moradores de 20 vilarejos do sul do Líbano saiam das áreas imediatamente, sob a justificativa de que estariam preparando uma ação contra os combatentes da milícia. "Para sua segurança, vocês devem sair de suas casas imediatamente. Qualquer um que esteja perto de agentes do Hezbollah,

Jalaa Marey/AFP



Fumaça e bombardeio sobre o vilarejo de Yaroun, perto da fronteira com Israel

suas instalações ou suas armas, se coloca em risco", avisou o coronel Avichay Adrae, porta-voz das IDF no idioma árabe. Nos últimos 10 dias, Israel atacou 3.600 alvos ligados ao Hezbollah.

O Exército israelense informou que o Hezbollah disparou 140 foguetes contra o Estado judeu. Por sua vez, o governo libanês anunciou que o número de mortos nos bombardeios de Israel, desde o início do atual conflito, passa de 1.400. Mais de 900 mil pessoas — um quinto da população do país — foram forçadas a se deslocar internamente.

Em entrevista ao *Correio*, Nicholas Blanford — especialista em Hezbollah pelo Instituto Atlantic Council baseado em Beirute — afirmou que as dificuldades impostas pelo front no sul do Líbano eram previsíveis. "Os israelenses têm superioridade aérea e golpearam o Hezbollah pelas últimas duas semanas. Mas, quando você tem soldados no terreno e entra na região do Hezbollah, uma milícia que opera no sul do Líbano há 18

anos, não me surpreende que Israel sofra baixas", explicou. "Eu espero mais vítimas, à medida que Israel reforça a presença de tropas na fronteira."

De acordo com Blanford, é impossível prever os desdobramentos dos combates terrestres. "O sul do Líbano não é uma área fácil de ser invadida. A topografia favorece o defensor. Trata-se de uma região repleta de colinas íngremes. Os vales se canalizam. É impossível subir as montanhas com os tanques de guerra, que precisam se deslocar pelos vales, o que possibilita emboscadas em meio aos arbustos nas encostas. O Hezbollah utiliza mísseis antitanques e costuma enterrar entre 200kg e 300kg de explosivos no caminho dos tanques. Isso aconteceu em 2006", lembrou. "Você não pode mudar o relevo de uma região, ele será sempre o mesmo. Você somente pode alterar sua tática. Acho que será uma guerra desafiadora para Israel, quaisquer sejam as táticas que adotarem."

DUAS PERGUNTAS / Nicholas Blanford



ESPECIALISTA EM HEZBOLLAH PELO INSTITUTO ATLANTIC COUNCIL BASEADO EM BEIRUTE

O senhor vê o risco de Israel sofrer uma derrota nos combates terrestres, no sul do Líbano?

Tudo dependerá se Israel aprendeu as lições da guerra de 2006, quando suas tropas tiveram momentos muito difíceis no sul do Líbano. Ao contrário de 2006, quando o governo israelense enviou um contingente do tamanho de um batalhão, o número de soldados empregados nesta batalha é muito menor. Trata-se de soldados de elite, que combatem nas Unidas de Reconhecimento do Golá e da Unidade Egoz, formada em 1995 especificamente para lutar contra o Hezbollah.

Quais as principais táticas de guerrilha usadas pelo Hezbollah?

Tudo o que o Hezbollah pode fazer é o mesmo jogo de paciência, usando o que os israelenses lhe dão. O Hezbollah continuará a lançar foguetes e mísseis contra Israel, e seguirá confrontando os soldados israelenses em solo libanês. Se o movimento xiita mantiver essa estratégia, Israel fracassará em suas duas principais metas: empurrar o Hezbollah para longe da fronteira e permitir que 60 mil israelenses retirados de suas casas, no norte de Israel, retornem para suas cidades. (RC)

Mãe salvou bebê antes de ser morta

Itay Dror, 32, tinha se despedido há pouco da amiga. A professora Inbar Segev Vigder, 33, foi uma das sete vítimas do atentado terrorista em Tel Aviv. Dois extremistas, armados com um fuzil automático e uma arma branca, atiraram e esfaquearam pedestres, de forma aleatória, na estação de trem Sderot-Yerushalayim, no bairro de Jaffa, área portuária de Tel Aviv e frequentada por turistas.

O ataque ocorreu na noite de terça-feira, minutos antes de o Irã lançar cerca de 200 mísseis balísticos contra Israel. Inbar foi sepultada, no início da tarde de ontem. Ela e o marido, Yeari, apoiavam a paz no Oriente Médio. A israelense tornou-se vítima do ódio e teve uma reação heroica ao ser atingida pelo disparo de fuzil: salvou o próprio filho.

"Eu conhecia Inbar e Yeari havia alguns anos. Ela vivia para Ari, o filho de 9 meses, o marido e o cão da família. Era uma pessoa normal. Na terça-feira, ela amamentava Ari, dentro do trem, quando houve o tiroteio", contou Itay ao *Correio*, por telefone. "Ela tentou proteger o

filho, ao projetar o próprio corpo sobre ele. Pelo que eu soube, Ari está bem."

Segundo ele, Inbar era uma pessoa muito gentil, que se doava para a comunidade. "Muitas mulheres têm doado leite materno para amamentar Ari, após responderem a uma publicação no Facebook. Isso é algo muito comovedor. Yeari ficou sozinho, ferido, e terá que cuidar do filho pelo resto da vida", acrescentou Itay. O amigo contou que Inbar era completamente favorável a comunidades mistas, formadas por árabes e judeus. "Ela apoiava a coexistência", disse.

Hamas

O movimento fundamentalista islâmico Hamas reivindicou a autoria do atentado em Jaffa. "As Brigadas Ezedin Al-Qasam assumem sua responsabilidade na heroica operação em Jafa realizada por combatentes da cidade de Hebron" (na Cisjordânia ocupada), afirmou o grupo, por meio de um comunicado.

Entre as sete vítimas do ataque, além

Itay Dror



Inbar amamentava o filho, dentro do trem, em Jaffa, quando foi assassinada

de Inbar, foram identificados pela imprensa israelense Shahar Goldman, 30, e Revital Bornstein, 24. Outra vítima seria um cidadão georgiano. Também morreu uma pessoa de nacionalidade grega, informou o Ministério das Relações

Jack Guez/AFP



Peritos da polícia colhem evidências no local do ataque terrorista do Hamas

Exteriores daquele país. Dezesesseis pessoas ficaram feridas. De acordo com o jornal *The Times of Israel*, Shahar era dançarina e tinha se casado há um ano.

O terrorista Mohamed Mesek, 19, foi abatido a tiros por civis que

testemunharam o ataque. Ahmed Al Haimoni ficou ferido e foi internado em estado grave. Os dois estavam em Israel sem permissão. Segundo testemunhas, um deles usava um broche de solidariedade aos reféns mantidos em Gaza. (RC)

ARTIGO

» POR: ANDERSON BARRETO MOREIRA

O risco de uma guerra total

O tempo é de profunda apreensão com os destinos da humanidade. A confluência de dois grandes conflitos tem colocado o mundo em apreensão com relação a uma conflagração global. A guerra promovida pelos Estados Unidos e Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte) contra a Rússia se encontra em um momento decisivo, e é questão de tempo para que a Ucrânia sofra não apenas com a derrota militar, mas com a mudança política que será inevitável com a vitória russa. Já no Oriente Médio, Israel e Estados Unidos traçam no mapa, ações que estão conduzindo à guerra total na região. Se faz necessária uma forte resposta mundial para que o pior cenário não seja o único possível.

O risco da derrota tem levado Estados Unidos e aliados a dobrarem suas apostas na guerra. A fracassada invasão da região russa de Kursk e a discussão sobre a autorização do lançamento de mísseis de médio e longo alcance de propriedade da Otan sobre todas as regiões da Rússia aceleraram mudanças

profundas na doutrina sobre o uso de armas nucleares por Moscou.

Apesar de os Estados Unidos e Otan continuarem afirmando que Vladimir Putin blefa, já não é mais segredo de que a Ucrânia está à beira da derrota, e crescem os apelos para que os aliados atuem diretamente no conflito. Em outras palavras, um confronto direto que poderia resultar numa guerra nuclear.

Em outubro de 2023, um novo front foi aberto no Oriente Médio. Independentemente da concordância ou não com as ações do Hamas no dia 7 de outubro, hoje, com o atual genocídio do povo palestino praticado pelo Estado terrorista de Israel, isso não tem mais lugar. O bombardeio e assassinato indiscriminado de civis, principalmente crianças e tantas outras cenas chocantes colocaram Israel no banco dos réus da História.

Israel e Estados Unidos promovem uma dança macabra em que o primeiro foi autorizado a usar toda sua força para atender a estratégia maior do seu principal aliado: enfraquecer a

ascensão de uma nova ordem mundial multipolar. O genocídio do povo palestino atende aos interesses de Israel do "sonho da grande Israel" mas, numa camada mais profunda, tem como objetivo trazer todo o chamado "Eixo da Resistência" para uma guerra total na região.

Esse "Eixo" vem se consolidando desde a tentativa de destruição da Síria em 2011 que, graças ao apoio da Rússia em articulação com o Irã, Hezbollah no Líbano e o Hamas na Palestina, sobreviveu a sua desintegração. Desde então, essa aliança que envolve Estados e entes não estatais cresceu em força e organização, incorporando forças do Iraque e os huthis no Iêmen.

A escalada de assassinatos de Israel chegou ao seu ápice com o bombardeio em Beirute que matou Hassan Nasrallah, líder do Hezbollah, no final setembro e esse fato pode ter selado uma mudança estrutural no desenrolar da transição de poder no século 21. A escalada de Israel contra o Irã, via assassinatos e atentados contra líderes da resistência não havia

sido suficiente para arrastar os iranianos para a guerra total.

A prudência iraniana de não provocar uma guerra aberta foi interpretada como fraqueza e animou israelenses e norte-americanos a seguir adiante na estratégia trazer o Irã para um confronto direto. Isso colocaria Rússia, China e outros países que estão na Organização de Cooperação de Xangai e BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) em um cenário sombrio diante da necessidade de defender o Irã, membro dessas organizações.

Após tentativas frustradas de um cessar-fogo na região a resposta iraniana na terça-feira, era praticamente inevitável, pois o preço que pagaria política e militarmente caso não o fizesse seria alto demais. O Irã mostrou que tem capacidade de infligir severos danos a Israel. A resposta israelense promete ser dura e, caso ocorra, entraremos em uma espiral de incertezas. O recuo não parece estar no horizonte de nenhuma das partes.

Será preciso uma ampla força social mundial que denuncie os crimes

Arquivo pessoal



de guerra de Israel e Estados Unidos e o risco de que sua estratégia resulte numa guerra total e, talvez, nuclear, cujo único objetivo é evitar a perda do seu poder mundial.

Professor de história, mestre em história com ênfase em geopolítica e pesquisador do Instituto Front, sediado em Porto Alegre